

**AS DIFERENÇAS NA MEMÓRIA NO ÂMBITO DA OBRA
FREUDIANA:
contribuições à teoria do trauma**

*Diego Frichs Antonello**

*Jô Gondar***

RESUMO:

O presente artigo tem como objetivo propor uma contribuição à segunda teoria do trauma em sua articulação com a questão da memória. Para tal, distinguimos os traços mnêmicos das marcas psíquicas a partir de uma releitura do aparelho de memória da Carta 52. As marcas, diferentemente dos traços mnêmicos, são formadas por *impressões muito fortes* – conforme Freud caracteriza o trauma em 1920 – e, por esse motivo, não são inscritas como representação no inconsciente, permanecendo como signos de percepção. Pensar os signos de percepção como marcas psíquicas nos permite aproximá-las da concepção de trauma. Além disso, possibilita ampliar a noção de memória, pois esta conteria outra forma de expressão para além da representação, a qual estaria relacionada com o campo sensorial devido à sua proximidade com a percepção.

PALAVRAS-CHAVE: Memória. Trauma. Traços mnêmicos. Marcas psíquicas. Psicanálise.

* **Diego Frichs Antonello.** Psicólogo, Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

** **Jô Gondar.** Psicanalista (CPRJ), professora associada do Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

Freud (1896[1950]) ao iniciar a *Carta 52*, endereçada a seu amigo Fliess, relata a hipótese de que o aparato psíquico tenha se formado por um processo de estratificação, sendo composto por camadas. Uma parte do material que o compõe – os traços mnêmicos – estaria sujeito, conforme avança por essas camadas, a sucessivos rearranjos ou retranscrições. Assim, Freud traz uma importante novidade sobre a memória: “A *memória* não se faz presente de uma só vez, mas se desdobra em vários tempos; que ela é registrada em diferentes espécies de indicações” (FREUD, 1896[1950], p. 281). A capacidade de rearranjos dos traços mnêmicos nos diz que a memória é altamente seletiva, dinâmica, mutável e pode ser construída *a posteriori*.

No esquema relativo à memória, apresentado por Freud (1896[1950]) na *Carta 52*, temos: 1) a *percepção* – responsável pela recepção dos estímulos que são sentidos como sensações pelo aparato. A consciência se liga à percepção, e não retém nenhum traço do que aconteceu, pois Freud considera memória, percepção e consciência excludentes; 2) *Signo ou índice de percepção* – é o primeiro registro mnêmico (impressão) dessas percepções, ainda inacessíveis à consciência e orientadas pelas associações por simultaneidade; 3) *registro da inconsciência* – ocorre a inscrição dos signos de percepção (impressões) como traços mnêmicos, ordenada por associações de causalidade, também inacessíveis à consciência; 4) *pré-consciência* – nele ocorre a transcrição dos traços mnêmicos que permite ligá-los à representação de palavra, tornando o acesso à consciência possível de acordo com certas regras. Então, para o estímulo ter acesso à consciência é preciso que ele passe por todos os processos e registros (camadas) citados acima, pois a percepção e a consciência, mesmo conectadas, estão em polos opostos.

Nesse sentido, a formação do traço mnêmico, que dá origem à representação, assume um lugar de destaque no pensamento freudiano. Fazer traço é simbolizar, é transformar a energia livre que entra no aparato psíquico em ligada. Isso significa que a energia é, por assim dizer, amarrada em representações e tal amarramento permitirá a ligação com outras representações. A representação-lembrança referente a uma cena vivida ou fantasiada, não é, desta maneira, inscrita em uma única representação, mas faz parte de uma cadeia representativa, uma trama que pode ser rearticulada a cada nova evocação, denotando, também, a complexidade da memória proposta por Freud.

Nesses termos, o aparelho psíquico é fundamentalmente um aparelho de memória e linguagem, portanto, de representação. O traço mnêmico, elemento essencial da memória representativa, é a impressão (índice de percepção) que foi inscrita na inconsciência e poderá ser reativada como lembrança dentro da esfera da linguagem. Uma vez inscrito, há uma sucessão de transcrições realizadas em diferentes registros; cada transcrição ordena o material psíquico de acordo com uma nova lógica que garantirá ou não seu acesso à consciência. Tal acesso será permitido ou negado, conforme a qualidade gerada pela representação-lembrança à consciência: emitindo prazer terá acesso permitido, se causar desprazer, a tradução é interrompida (recalcamento) e seu acesso à consciência é negado – estamos sob a égide do princípio de prazer.

O princípio de prazer é, segundo Freud (1911), um dos princípios que regem o funcionamento do psiquismo. Inicialmente o termo usado para designá-lo era princípio do desprazer (FREUD, 1900), mas seu objetivo sempre foi o mesmo: buscar o prazer sem entraves ou limites e evitar o desprazer. Também diz respeito à economia psíquica, na medida em que o desprazer está ligado ao aumento da excitação, no aparelho psíquico, e o prazer à sua redução.

A memória representativa nos permite atualizar informações passadas, sejam elas vivenciadas ou fantasiadas, desde que não estejam contrárias ao princípio de prazer. O campo representacional aponta um dinamismo e uma mobilidade da memória, pois permite a alteração, transformação, deformação e esquecimento de seus conteúdos. A memória representativa é constituída como a linguagem e, portanto, está submetida aos mesmos processos formadores e deformadores característicos de toda linguagem. A representação é a base sobre a qual a primeira tópica¹ foi construída, permitindo que Freud desenvolvesse o dispositivo clínico da psicanálise centrado na interpretação. Pois a representação se caracteriza pela arbitrariedade do sentido em relação ao que representa, ou seja, uma palavra pode conter diversos significados.

Entretanto, a *Carta 52* nos permite diferenciar uma memória composta por traços mnêmicos de outra, que identificamos como uma memória literal e não submetida às diretrizes do princípio de prazer; passaremos a apresentá-la no próximo tópico.

¹ Tópica – diz respeito a certo número de sistemas, dispostos em certa ordem uns em relação aos outros, o que “permite considerá-los metaforicamente como lugares psíquicos de que podemos fornecer uma representação figurada espacialmente” (LAPLANCHE E PONTALIS, 2001, p. 505). Na obra freudiana temos duas tópicas: (1) distingue – Consciente, Pré-Consciente e Inconsciente (1900-1920) e (2) distingue – Ego, Super e Id (a partir de 1920).

Os índices de percepção como não-representação

O esquema da *Carta 52*, citado anteriormente, nos permitiu identificar os índices ou signos de percepção como um primeiro registro mnêmico. Contudo, eles ainda não constituíram um traço, ou seja, não foram inscritos no registro da “inconsciência” (FREUD, 1896[1950], p. 282). Ainda seguindo esquema da *Carta 52*, a localização dos índices de percepção nos indica que eles estariam mais próximos da superfície do aparato e, conseqüentemente, são anteriores à formação dos traços mnêmicos, consistindo em impressões que não são conservadas na memória como representações.

Explicuemos melhor: a impressão significa que o psiquismo recebeu alguma sensação perceptual. Segundo Gaspar, Lorenzutti e Cardoso (2006), ela tem dois destinos diferentes. 1) Ser inscrita no sistema inconsciente formando os traços mnêmicos. Para que isso ocorra, o estímulo que gerou a impressão precisa ser dominado, assim a impressão pode ser inscrita como representação e sofrer todo o processo de transcrições indicados por Freud (1896[1950]) na *Carta 52*. 2) Formar as marcas psíquicas – esse seria outro destino dos índices de percepção. Nesse caso, as impressões não são inscritas, ou seja, não avançam para a “inconsciência” (FREUD, 1896[1950], p. 282). Portanto, deixam de ser inseridas na cadeia de representações, impossibilitando, assim, a simbolização e a ligação com outros traços mnêmicos.

Há importantes implicações a partir dessa diferenciação: as marcas, não formando representação, não são passíveis de recalçamento e persistem no psiquismo como um instante congelado (memória literal). Tendo as portas fechadas à simbolização o único destino dado para a excitação seria a descarga sem a mediação egoica, através do mecanismo de compulsão à repetição. Freud em 1920, no *Além do princípio de prazer* faz referência a uma *impressão* muito forte e ao fator surpresa como responsáveis pelo desenvolvimento das neuroses traumáticas. Dada a ausência da angústia-sinal, responsável pela mobilização do contrainvestimento que hiperinveste o polo perceptivo para receber e dominar as excitações, o aparato é inundado por uma impressão excessiva, que não se constitui como traço mnésico. Tal noção nos permite atualizar o esquema da *Carta 52* (FREUD, 1896[1950]) e propor os índices de percepção como: impressões não inscritas no sistema inconsciente, portanto como uma não-representação.

A ausência de dominação da excitação a impede de assumir formas mais organizadas e de avançar para o “interior” do aparelho (inconsciente), como é explicitado na *Carta 52* (FREUD, 1896[1950]) ou mesmo, em 1900, na *Interpretação dos Sonhos*. Dominar significa uma primeira contenção da energia, necessária para a posterior ligação em representações. Todavia, nas neuroses traumáticas essa possibilidade está ausente e, por isso, a energia tende à descarga pela via mais rápida, sem sofrer inibição ou processamento e, conseqüentemente, sem levar em conta o princípio de prazer.

A marca psíquica é uma memória congelada, não faz ligação com outras memórias como ocorre nos processos representativos e, devido a sua proximidade com a percepção, pode aceder à consciência sem ser dominada previamente ou mesmo representada. Mas, como isso é possível se percepção e consciência estão em polos opostos na *Carta 52*? Pois, para atingir a consciência o estímulo teria que passar por todo esquema proposto em 1896. Porém, no *Além do princípio de prazer* (FREUD, 1920), ao propor o modelo metafórico de vesícula viva com vistas a explicar a dinâmica de funcionamento do aparelho psíquico, Freud coloca percepção e consciência no mesmo polo, formando um único sistema (perceptivo-consciência). A consciência reproduz percepções de excitações oriundas do mundo externo e sentimentos de prazer e desprazer que só podem surgir no interior do aparelho psíquico: “assim, é possível atribuir ao sistema *Pcpt-Cs* uma posição no espaço. Ele deve ficar na linha fronteira entre o exterior e o interior” (FREUD, 1920, p. 35). Então, o sistema *Pcpt-Cs* deve estar voltado para o mundo externo, mas também envolve os outros sistemas psíquicos. Nesta perspectiva, o trauma resultaria de uma impressão perceptiva (índice de percepção) muito forte, que poderia atingir a consciência mesmo sem chegar a ser representada.

Sendo assim, o acesso à consciência ocorre de forma literal através de uma repetição compulsiva – uma presentificação da vivência que a originou, normalmente expressa por uma “imagem ultraclara” (FREUD, 1937, p. 284). Isso denota a presença da figurabilidade como forma de expressão dos índices de percepção. De acordo com Botella e Botella (2002) a figurabilidade seria o produto de um trabalho diurno “comparável ao do sonho, com seu percurso regrediente resultando numa percepção interna próxima da alucinação do sonhador” (p. 26). Na formação os sonhos as representações são desconstruídas, ou seja, é preciso transformar os pensamentos em imagens sensórias. Para que isso ocorra, a excitação deve seguir o caminho regressivo, mesmo as representações de coisa são ultrapassadas, até atingir os índices de percepção e, deste modo, tornam-se capazes de

alcançar a consciência sob a forma de imagens sensórias. Isso significa que o pensamento no sonho se expressaria por imagens, as quais Freud (1900) nomeia de consideração pela figurabilidade – *Rücksicht auf Darstellbarkeit*. No mesmo momento do despertar a elaboração secundária organizaria essas imagens, permitindo ao sujeito contar o sonho como uma história mais ou menos coerente.

Todavia, apresentar a excitação como imagens sensórias já denota um enlace primário da mesma, que se dá através da figurabilidade (*Darstellung*). Para Freud, segundo interpretação de Hanns (1999), o termo *Darstellung* consiste na ação de dar um formato captável (na forma de uma linguagem sensorial, pictórica, sinestésica, auditiva – da ordem do sensível) a algo que ainda é inapreensível no campo da palavra, ou seja, não foi representado no psiquismo. “Assim, em certo sentido, toda constituição inicial de uma imagem que será mostrada é *Darstellung*, pois cria imagem onde não existe anteriormente” (HANNIS, 1999, p.80). A *Darstellung* em Freud remete às primeiras impressões na memória – índices de percepção – as quais teriam um estatuto de imagens sensoriais. Conforme afirma Lejarraga (1996) “a impressão refere-se a um momento primário de elaboração mnemônica, em que os elementos constitutivos ainda não se articulam em cadeias associativas” (p. 80). Por esse motivo a memória referente às marcas permanece inalterada.

Pensar as impressões como marcas psíquicas nos permite aproximá-las do traumático; elas “se introduzem no mundo interno e permanecem numa posição de alteridade interna, em relação ao espaço psíquico” (MALDONADO, 2011, p. 58), como um corpo estranho infiltrado no aparato. Conforme apontamos, as marcas caracterizam-se por não sofrer nenhuma tradução, pois desde o início elas permanecem inalteradas, como um instante fotografado ou uma imagem “ultraclara” (FREUD, 1937). Nesse caso, a excitação é manejada segundo as “leis psicológicas vigentes no período anterior e consoante as vias abertas nessa época. Assim, persiste um anacronismo: numa determinada região ainda vigoram os *fueros*, estamos em presença de sobrevivências” (Freud, 1896[1950], p. 283).

A formação das marcas psíquicas

Os *fueros* constituem um termo tomado de empréstimo de uma antiga lei espanhola aplicada em províncias conquistadas ou vilarejos que não possuíam senhorios; tal lei buscava regular a vida local, mantendo os costumes e tradições destes sítios, e

estabelecendo um conjunto de normas jurídicas, para garantir privilégios perpétuos à coroa sobre a região (Barrero-García, 1985). Os *fueros*, vistos sob a luz da segunda tópica², são impressões desregradas que não estão articuladas em uma trama de representações. Tal como os *fueros* da lei espanhola, os quais recolhiam os costumes de cada localidade onde eram aplicados e mantinham-se, *strictu sensu*, fora da política feudal vigente, as marcas mantêm-se fora dos sistemas de representações e das regras aplicadas a estas, subsistindo no aparato psíquico segundo outra determinação. Daí, a impossibilidade de mudanças de cenários, característica dos sonhos das neuroses traumáticas e a crueza da literalidade discursiva, o que nos remete a pensar que os *fueros* funcionam fora do princípio de prazer.

Antes de seguir é necessário uma precisão acerca dos *Fueros*, pois Freud na *Carta 52* (1896[1950]) remete-os ao recalçamento. O processo de recalçamento exposto na *Carta 52* (FREUD, 1896[1950]), conforme explicita Saltztrager (2012), se dá em dois lugares diferentes: 1) entre os signos de percepção e o registro da inconsciência, responsável pela formação das marcas psíquicas, tendo em vista a descrição dos *Fueros* como um lugar no psiquismo no qual vigoram sobrevivências, na nossa visão: trata-se de uma clivagem, que enclava memória traumática dentro do próprio aparato (corpo estranho), mas fora da égide do princípio de prazer; 2) e outro recalçamento realizado na fronteira da inconsciência com a pré-consciência, que estaria de acordo com o recalque descrito nos artigos sobre a metapsicologia. O primeiro diz respeito a conteúdos que se perpetuam congelados na esfera psíquica, persistindo como índices perceptivos. O segundo se refere ao trabalho empreendido pelo aparelho psíquico para afastar determinada representação-lembrança da consciência. Fato que não impede os representantes de existirem no inconsciente e estabelecerem ligações com outros representantes, formando novos derivados, que os tornam aptos a aflorar disfarçados na consciência. Temos então uma mobilidade dos conteúdos da memória, que é corrente nos processos representativos, ao passo que o recalçamento entre os índices de percepção e a inconsciência torna impossível de encontrarmos tal característica.

Entendemos o primeiro recalçamento como uma clivagem que não resulta de um conflito entre instâncias psíquicas, mas é uma defesa radical contra uma ameaça de destruição física e psíquica devido à ação da pulsão de morte agindo no interior do eu. A esse respeito, explica Ferenczi (1931), sob a pressão de um perigo iminente o eu divide-se numa parte “sensível, brutalmente destruída, e uma outra que de certo modo, sabe tudo mas nada sente” (p. 88). Essa divisão tem como objetivo manter separadas certas memórias que não puderam

² Ver a primeira nota de rodapé.

ser integradas no eu. No entanto, tais memórias preservam intocado todo o seu potencial traumático, formando criptas no interior do próprio eu, na mesma acepção do termo proposto por Abraham e Torok (1995).

Portanto, as marcas psíquicas são memórias congeladas ou encriptadas. Para Abraham e Torok (1995), a cripta não é “nem o inconsciente dinâmico, nem o Ego da introjeção. Seria antes como um território encravado entre os dois, espécie de inconsciente artificial, instalado no próprio seio do Ego” (p. 239). Tal descrição nos leva a pensar os *fueros* como esse lugar onde se cria uma cripta, funcionando de acordo com outra ordem que não a do princípio de prazer no próprio seio do ego. A memória encriptada é um bloco de realidade, que não se inscreveu no aparato como traços mnêmicos, mas permanecem enclavadas no aparato como “sobrevivências” (FREUD, 1896[1960], p. 283).

A relação entre cripta e *fueros* parece pertinente uma vez que Abraham e Torok (1995) apontam a formação da cripta por meio um “recalcamento conservador” (p. 239). O recalcamento conservador é um tipo particular de recalcamento, diferindo do recalcamento que ocorre nas neuroses de transferências, pois conserva enclavado na zona clivada do ego uma cripta referente a um acontecimento vivido como traumático. Os *fueros*, de acordo com nossa leitura da Carta 52 (FREUD, 1896[1950]), também são formados por um recalcamento, que identificamos como clivagem e difere completamente do recalcamento referente às representações, pois sua ocorrência impede o acesso da impressão aos processos representativos.

Tais memórias encriptadas se apresentam de maneira literal, sem entrelinhas ou enigmas, normalmente sob a forma de mensagens ou “imagens ultraclaras” (FREUD, 1937). Schimd-Kitsikis (2011) clarifica que os pacientes traumatizados tendem a evocar sob a forma de imagens, com uma vivacidade sinestésica muito acentuada suas vivências traumáticas. Apresentar sob a forma de imagens ultraclaras o trauma é consequência da ausência de representação, conforme aponta Botella e Botella (2002), a não-representação implica na impossibilidade de investir em objetos; a única saída, portanto, se dá através da figurabilidade (*Darstellung*).

É esse modelo que Freud (1920) associa ao trabalho do traumático dentro e fora do estado do sono, quando nos fala dos sonhos das neuroses traumáticas e de um estado quase alucinatório da compulsão à repetição. Maldonado (2011) aponta que o trauma, como catástrofe, veicula mensagens muito claras e literais, que “por esta razão, não chegam a ter acesso aos processos de elaboração psíquica, oferecidos tanto pelo recalcamento quanto pelo

luto, ambos trabalhos do tempo” (p. 71). Tempo que está ausente na configuração traumática, justamente porque a ausência de simbolização impede sua historização, sua inscrição no passado – o sujeito traumatizado fica preso em uma presentificação compulsiva do evento que originou o trauma, devido ao investimento direto nos signos de percepção (imagens sensoriais).

A presença da repetição significa que o eu fracassou em ligar a energia pulsional. Toda vez que ocorre uma falha nesta tarefa fundamental inicia-se um processo repetitivo, que não envolve qualquer possibilidade de prazer. Freud (1920) denomina esse processo de compulsão à repetição, conceito chave para repensar alguns impasses de ordem clínica em sua teoria e apresentar sua hipótese mais desconcertante – a pulsão de morte. Embora a compulsão à repetição se caracterize como uma descarga psicossomática sem simbolização é justamente a ausência de simbolização que alimenta a repetição como defesa: “É certo que a vida se protege pela repetição” (DERRIDA, 1995, p. 188). A repetição é o último bastião defensivo usado pelo aparato para evitar o seu colapso diante da ação desagregadora da pulsão de morte.

Encontramos aqui outra lógica de funcionamento do psiquismo, aquém da metáfora, a qual estaria também, em nossa opinião, referida à literalidade. A literalidade discursiva, por exemplo, seria uma consequência da impossibilidade de metaforizar, consistindo em outra forma de expressão do psiquismo, que se apresenta como *Darstellung* – imagens sensoriais ou imagens ultraclaras. Ao passo que a linguagem possibilita uma narrativa encadeada, que serve para ordenar os acontecimentos vividos ou fantasiados em uma sucessão histórica e temporal, permitindo dar um sentido e um destino para a energia pulsional previamente dominada pelo aparato. Porém, ao diferenciarmos marca psíquica de traço mnêmico, ampliamos a noção de memória para além do campo da representação. Tal diferença significa que a “produção de representação (*Vorstellung*) não é a única alternativa, em outros termos, produzir uma narrativa encadeada não é a única saída” (HERZOG, 2011, p. 85).

Benjamin (1933) aponta que nos 10 anos subsequentes ao término da primeira guerra mundial (1914-1918), centenas de livros contendo histórias dos sobreviventes inundaram o mercado literário. Nestes livros se encontravam relatos pessoais das vivências devastadoras nas trincheiras e nos campos de batalha. Tais escritos não eram romances, o estilo não era metafórico e todos chocam pela frieza da narrativa, uma narrativa deveras diferente – literal. Tal diferença é explicada pelo excesso contido nestes escritos que colocam o leitor diante de um processo de despersonalização do qual o próprio escritor é vítima. A

literalidade, por estar além do campo representativo, é um reencontro com o traumático. Nesses casos, as palavras e as coisas estariam numa relação muito mais de proximidade que de recobrimento ou arbitrariedade. Isso se deve porque através do choque traumático a linguagem perderia sua função comunicativa e recobra sua função mais primitiva: engendrar semelhanças com algo que lhe é estranho, segundo Ferenczi (1913).

A literalidade é uma forma de compulsão à repetição, que procura se livrar do excesso quantitativo que inundou o aparato. Nessa perspectiva, a compulsão (*Zwang*), presente na compulsão à repetição, assinala um impulso que submete o sujeito a um cerceamento impondo-lhe uma direção. No *Além do princípio de prazer* (FREUD, 1920) a expressão *Wiederholungszwang* (compulsão à repetição) e a palavra *Zwang* (compulsão) são usadas praticamente como sinônimos de *Drang* (pressão) e *Trieb* (pulsão). Segundo Hanns (1996), Freud procurava, com essa aproximação entre os termos, ressaltar o caráter avassalador ao qual o sujeito sucumbe condenado a realizar as diretrizes da pulsão para além de sua vontade.

Temos, portanto, um assujeitamento às forças pulsionais muito mais radical do que o adoecimento neurótico. Disso podemos entender que a repetição é, por um lado, um esforço para que o eu esteja desta vez apto a dominar o excessivo e inesperado afluxo de excitações, buscando então salvaguardar o sujeito, em uma clara expressão da pulsão de vida; por outro lado, notamos a presença de uma força que coage na direção da evacuação total da tensão, sem levar em conta se essa ação causara mais dano para o sujeito, aqui temos uma referência à presença da pulsão de morte. Isso ocorre devido a uma cisão no eu, uma parte quer agir contra o impulso compulsivo, mas outra não consegue resistir a ele, mesmo sabendo de todo o sofrimento que ele acarreta.

Por fim, os índices de percepção citados por Freud na *Carta 52* (1896[1950]), vistos sob a luz da segunda tópica, nos permitem afirmar que a memória não se reduz à representação. A memória também se exerce sob uma parte do psiquismo que é irrepresentável, contendo outra forma de expressão que estaria mais ao lado do campo sensorial, devido à sua proximidade com a percepção e de sua relação com o corpo. Como exemplo dessa relação encontramos em Proust (1913) certas memórias se produzem somente a partir de sensações: “a memória de suas costelas, dos joelhos, dos ombros, lhe apresentavam sucessivamente vários quartos onde havia dormido (...) meu corpo recordava” (p. 12). Tais memórias não dizem respeito ao campo da representação, não são evocadas pela atividade do pensamento, mas são despertadas por meio de sensações corporais, aparecendo sob a forma de

uma vivacidade de imagem. Disso entendemos que a produção de sentido não é a única via de expressão do psiquismo.

Essa releitura da *Carta 52* explicita a complexidade e riqueza do tema da memória na obra freudiana, mesmo não aparecendo como um conceito central é, sem dúvida, basilar para a construção do aparelho psíquico. A memória não-representada contém figuras, como a literalidade discursiva, que ainda hoje desafiam a clínica e a teoria psicanalítica. Ao colocarmos os índices de percepção como marcas psíquicas fora do campo da representação, destacamos uma crise da própria representação na teoria freudiana. São esses limites que nos levam a buscar e propor soluções novas tanto na prática como na teoria psicanalítica, e a memória aparece como peça fundamental para pensar tais limites e denotam, também, a riqueza do pensamento freudiano.

Referências

ABRAHAM, N.; TOROK, M. *A casca e núcleo*. São Paulo: Escuta, 1995.

BARRERO-GARCÍA, A. M. Sobre os fueros concedidos Alfonso VI. In *Estudios sobre Alfonso VI y la Reconquista de Toledo (Actas del II Congreso Internacional de Estudios Mozarabes, Toledo, 20-26 mayo 1985)*. Toledo: Instituto de Estudios Visigóticos-Mozarabes, 1987, p. 117-119.

BOTELLA, C.; BOTTELA, S. *Irrepresentável: mais além da representação*. Porto Alegre: Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul/Criação Humana, 2002.

BENJAMIN, W. (1933). Experiência e pobreza. In *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

DERRIDA, J. Freud e a cena da escritura. *A escritura e a diferença*. São Paulo: Perspectiva, 1995.

FERENCZI, S. (1913). Ontogênese dos símbolos. *Obras completas de Sándor Ferenczi, Psicanálise 2*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FERENCZI, S. (1931). Análise de crianças com adultos. *Obras completas de Sándor Ferenczi, Psicanálise 4*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FREUD, S. (1896[1950]). Carta 52. In: *Edição Standard das obras psicológicas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. I.

_____. (1900) Interpretação dos Sonhos. In: *Edição Standard das obras psicológicas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. IV-V.

_____. (1911) Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. In: *Edição Standard das obras psicológicas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XII.

_____. (1920) Além do Princípio do Prazer. In: *Edição Standard das obras psicológicas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. VIII.

_____. (1937) Construções em análise. In: *Edição Standard das obras psicológicas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XXIII.

GASPAR, F. L.; LORENZUTTI, P. S.; CARDOSO, M. R. Trauma e representação: estudo de um caso clínico. In: CARDOSO, M. R. (org.). *Adolescentes*. São Paulo: Escuta, 2006, p. 147-156.

GONDAR, J. Lembrar e esquecer: desejo de memória. In: COSTA, I. T. M.; GONDAR, J. (orgs.). *Memória e espaço*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000, p. 35-42.

HANNS, L. *A teoria pulsional na clínica de Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1999.

HANNS, L. *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

HERZOG, R. Os limites da representação psíquica. In: CARDOSO, M. R.; GARCIA, C. (orgs.). *Os limites da clínica – Clínica dos limites*. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2011, p. 77-91.

LAPLANCHE & PONTALIS. *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LEJARRAGA, A. L. *O trauma e seus destinos*. Rio de Janeiro: Revinter, 1996.

MALDONADO, G. B. *Neurose traumática: fundamentos e destinos*. Tese de doutorado apresentada no Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica da UFRJ, Rio de Janeiro, 2011.

PROUST, M. (1913) *No caminho de Swann*. São Paulo: Folha de São Paulo, 2003.

SALZTRAGER, R. A clivagem psíquica e o paralelismo discursivo na clínica psicanalítica. *Psicologia Clínica*, PUC-RJ, 2012 (no prelo).

SHMID-KITSIKIS, E. Une difficulté de la psychanalyse – Décryptage de la compulsion à répéter. In: CHERVET, B. (org.). *La compulsion de répétition*, Paris: PUF, 2011, p.36-62.

THE DIFFERENCES IN MEMORY IN THE RANGE OF FREUDIAN WORK: CONTRIBUTIONS TO THE THEORY OF TRAUMA

ABSTRACT:

This article aims at providing a contribution to the second trauma theory in the light of Freud's elaborations about memory in Letter 52. Starting from this we propose a distinction between mnemonic traces and psychological marks. The traces were recorded as representation, being dominated by the pleasure principle. Differently, the marks indicate an un-inscription that would not be subject to the guidelines of that principle. This would indicate that memory is not limited to representation, containing another form of expression that would be more in the sensorial field, due to its proximity to perception.

KEYWORDS: Memory. Trauma. Mnemic Traces. Psychological marks. Psychoanalysis.

LES DIFFÉRENCES DANS LA MÉMOIRE DANS LE CADRE DE L'OEUVRE FREUDIENNE: CONTRIBUTIONS À LA THÉORIE DU TRAUMA

RESUMEN:

Cet article vise à proposer une contribution à la deuxième théorie du traumatisme dans son articulation à la question de la mémoire. Pour ce faire, nous distinguons les traces de mémoire à partir d'une relecture de l'appareil de mémoire de la Lettre 52. À la différence des traces mnésiques, les marques sont formées par des impressions très fortes – comme Freud caractérise le traumatisme en 1920 – et, par conséquent, elles ne sont pas répertoriées comme représentation dans l'inconscient, restant comme signes de perception. Penser les signes de perception comme marques nous permet de les rapprocher à la conception du traumatisme. D'ailleurs, cela nous permet d'élargir la notion de mémoire, car celle-ci contiendrait une autre forme d'expression au-delà de la représentation, qui serait liée au domaine sensoriel en raison de sa proximité à la perception.

MOTS-CLES: Mémoire. Traumatisme. Traces de Mémoire. Marques Psychiques. Psychanalyse.

Recebido em 03-09-2012

Aprovado em 14-11-2012

© 2012 *Psicanálise & Barroco em revista*

www.psicanaliseenbarroco.pro.br

Núcleo de Estudos e Pesquisa em Subjetividade e Cultura – UFJF/CNPq

Programa de Pós-Graduação em Memória Social – UNIRIO.

Memória, Subjetividade e Criação.

www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php

revista@psicanaliseenbarroco.pro.br www.psicanaliseenbarroco.pro.br/revista